

VIRILIDADE E VIOLÊNCIA: A RELAÇÃO DE PODER PRESENTE NOS *CARMINA CATULLI XVI E XXI*

Elivelton Souza da Silva (UFAM)¹

Saturnino Valladares (UFAM)²

RESUMO: Este artigo tenciona, em linhas gerais, apresentar uma discussão a respeito dos conceitos de gênero, masculinidade, relações de poder e violência presentes na lírica de Catulo, um dos célebres nomes do cânone literário da Roma antiga. Ademais, essa pesquisa terá como objeto de estudo os *carmina XVI e XXI* que trazem as temáticas aqui pautadas. Além disso, proporemos mostrar, através do texto literário, como a sociedade romana estruturava-se em relação à concepção de virilidade que acarretava uma relação de poder diante da posição de passividade que mulheres, escravos e jovens eram submetidos. Para tanto, esse estudo estabelece pontos de interseções com as teorias de Butler (2017) e Foucault (2014) que visam a discutir acerca dos conceitos de gênero e como ele mantém-se nos comportamentos sociais. Outrossim, Puccini-Delbey (2017) e Williams (1999) darão suporte para como essa sociedade antiga enxergava a virilidade e como aplicava-se no *corpus* social. Ademais, busca-se, também, discutir como as relações de poder, derivadas da masculinidade hegemônica, ditam regras e corroboram para a construção de um *status* coletivo permeado pela violência física e simbólica, conforme postula Bourdieu (2012). Por fim, o presente estudo divide-se em duas seções: a primeira refere-se a uma breve introdução acerca dos conceitos de gênero e masculinidade, mas também da concepção sobre violência interligada a virilidade romana; a segunda traz as análises dos *carmina XVI e XXI* sob a égide dos comportamentos os quais envolviam a masculinidade e a violência em que o falo era o principal instrumento de punições que aqueles que estavam abaixo da masculinidade sofriam.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; violência; *carmina Catulli*.

ABSTRACT: This article aims, in general terms, to present a discussion on the concepts of gender, masculinity, power relations and violence present in the lyrics of Catullus, one of the famous names in the literary canon of ancient Rome. In addition, the object of this research will be the *carmina XVI and XXI*, which deal with the themes discussed here. In addition, we propose to show, through the literary text, how Roman society was structured in relation to the concept of virility, which entailed a power relationship in the face of the passive position to which women, slaves and young people were subjected. To this end, this study establishes points of intersection with the theories of Butler (2017) and Foucault (2014), which aim to discuss concepts of gender and how it is maintained in social behaviour. Furthermore, Puccini-Delbey (2017) and Williams (1999) will provide support for how this ancient society viewed virility and how it was applied in the social corpus. In addition, we also seek to discuss how power relations, derived from hegemonic masculinity, dictate rules and corroborate the construction of a collective status permeated by physical and symbolic violence, as postulated

¹ Mestrando em Letras – Estudos Literários (UFAM).

² ² Doutor em Literatura Espanhola (Universidad de Santiago de Compostela - Espanha). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Vice-líder do grupo de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Estudos Japoneses (UFAM).

by Bourdieu (2012). Finally, this study is divided into two sections: the first refers to a brief introduction to the concepts of gender and masculinity, but also to the concept of violence linked to Roman virility; the second analyses the sixteenth and twenty-first carmina under the aegis of behaviours involving masculinity and violence in which the phallus was the main instrument of punishment suffered by those who fell short of masculinity.

KEYWORDS: Masculinity; violence; carmina Catulli.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A passividade é crime para os livres, fatalidade para o servo e obrigação para o liberto”³ (SÊNECA *apud* FEITOSA, 2008, p. 132). A frase de Sêneca, filósofo romano, revela a visão que o mundo antigo possuía em relação práticas sexuais e como elas regiam a configuração social dessas sociedades antigas e que se perpetuam até os dias atuais.

A sociedade contemporânea possui bastante interesse em desbravar a Antiguidade clássica a fim de interpretar e debater os costumes e o significado que os sexos (masculino e feminino) tinham diante da organização social.

Além disso, discutir sobre conceitos como gênero, masculinidade e violência traz uma reflexão a respeito dos papéis sociais que as pessoas exerciam antigamente e como esses papéis eram impostos a elas. Ademais, compreender a concepção de gênero permite assimilar como as sociedades desenvolveram-se através de relações injustas e desiguais entre os sexos, como também interpretar a *performatividade* dos gêneros que configuram uma construção social que acarretou uma dicotomia e, posteriormente, uma relação de força e poder. Torna-se importante, ainda, inferir que essa desigualdade entre gêneros é reforçada pelo complexo da masculinidade dominante que determina comportamentos para homens e inferioriza mulheres. Assim, o ideal do ser masculino alinha-se, na maioria das vezes, a uma forma de dominar por intermédio da violência física, mas também simbólica, conforme postula Bourdieu (2012).

Logo, priorizar os estudos de gênero e entender o processo de perpetuação da masculinidade hegemônica que permite a compressão do processo das relações entre os seres humanos e como ela foi construída desde as sociedades mais antigas até nossa época.

Para tanto, este artigo está dividido em duas sessões. A primeira visa a discutir as relações de gênero e como a sociedade antiga o encarava. Além disso, nessa mesma sessão, trataremos do conceito de masculinidade hegemônica, uma vez que é importante destacar que não há somente um tipo de masculinidade, mas há uma que é dominante, e, por fim, discutiremos as implicações que essa hegemonia viril acarreta na sociedade romana, uma vez

³ “*Impudicitia in ingenio crimen est, in servo necessitas, in liberto officium.*”

que ela surge ligada à prática da violência simbólica e física; a segunda parte do texto apresentará as análises dos *carmina* XVI e XXI a fim de discutir o reflexo que essas concepções de gênero, masculinidade e violência emergem dentro do texto literário.

GÊNERO E MASCULINIDADE

Pensar no termo Gênero nos levar a refletir que, na sociedade contemporânea, ele descreve, segundo conceitua Butler (2017), condutas que regem as relações sociais que os sexos precisam seguir. Além disso, analisar tal termo nos possibilita compreender as construções sociais, históricas e culturais diante de um cenário hierárquico e desigual entre os sexos. Assim, podemos dizer que:

[...] perfis se constituem social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder. (MATOS, 1997, p. 97- 98).

Trata-se, desse modo, das diferenças dos papéis sociais que o masculino e o feminino possuem e implicam uma relação de poder entre homens e mulheres conforme afirma Soares (2004, p. 113) ao dizer que “as diferenças de gênero são constituídas hierarquicamente: a construção social do ser homem tem um maior status que a construção social do ser mulher” e isso se internaliza e se propaga ao longo das fronteiras geográficas e temporais das sociedades.

Ademais, o gênero é, essencialmente, uma construção social, uma vez que traz as visões socioculturais atribuídas ao masculino e ao feminino. O gênero masculino, por exemplo, carrega um legado de superioridade, dominação e exerce, com bastante frequência, práticas violentas sobre o gênero feminino e a traços ligados à feminilidade, os quais são enxergados pela sociedade – dominada por homens – inferiores e submissos. Portanto, aferir os estudos de gênero nos possibilita a entender a concepção da realidade social, como também a perpetuação das identidades estabelecidas. Por fim, é interessante, ainda, trazer o argumento de Butler em discutir a *performatividade* do gênero, ou seja, o gênero é performativo já que exige do ser humano comportamentos, gestos, ideologias que podem ou não confrontar os padrões de gênero que, na atualidade, são impostos.

Ademais, frisamos que sociedades antigas, Grécia e Roma, mantinham sua organização dentro da sociedade baseada em papéis sociais, os quais podem ser entendidos como uma coleção de direitos e deveres que prescreviam a posição do indivíduo na esfera social. Logo, a

dominação masculina também se fazia presente no *corpus* romano e o homem, detentor da virilidade, controlava, dominava, ameaçava e violentava aqueles e aquelas que estavam abaixo de sua masculinidade.

Caso nos voltarmos para as sociedades de classes da antiguidade ocidental (Grécia e Roma) ou, oriental (China e Japão) ou, na Idade Média, para as sociedades da América pré-colombina (Incas e Astecas) ou para as sociedades de castas na Índia, nelas a vida social é dominada pelos homens. Possuir a terra da cidade, sacrificar aos deuses, defender suas terras de armas na mão, exercer as magistraturas e a soberania política, desenvolver a Filosofia, a Matemática entre outras questões, eram privilégios masculinos na Atenas clássica. Para um grego, ser um homem plenamente é, antes de tudo, ser um homem e não uma mulher, ser livre e não escravo; ser ateniense e não estrangeiro. (GODELIER, 1980, p. 10-11).

A masculinidade constitui-se de noções sociais as quais não são intrínsecas ao sexo masculino, mas impostas a ele, uma vez que a masculinidade em todas as sociedades não é universal, mas há aquela considerada hegemônica que dita comportamentos e atitudes que um homem deve adotar para que haja uma aceitação e inclusão desse sujeito, como jeito de falar, vestir, comportar-se e se apresenta traços masculinos tais como barba, pelos etc. Concordo com Souza *et al.* (2017, p. 03) ao dizerem que “durante a infância por meio do processo de socialização o sujeito aprende conteúdos para reproduzir comportamentos, atitudes, valores e ações culturalmente considerados adequados para seu gênero, ocorrendo muito cedo a construção da identidade de gênero.” Logo, é bastante comum atrelar que todo homem porta consigo a masculinidade e que ela é inerente e irrecusável. Entretanto, é possível observar que nem todos os homens são dotados de traços e atitudes que usualmente caracterizam a masculinidade, deixando-os segregados, tal como as mulheres.

Na Roma antiga, observamos que a relação entre dois homens era aceita e não causava estranheza. Por outro lado, qualquer traço efeminado colocaria o homem romano no mesmo nível que uma mulher e até mesmo de um escravo que são figuras subordinadas e inferiores para aquela civilização. Assim, pode-se dizer que:

Nos primeiros tempos de Roma e até ao final da época republicana, a cidade prima sobre o indivíduo, e as estruturas coletivas sobre as realidades individuais. Sociedade patriarcal, extremamente hierarquizada, ela apoia-se numa moral cívica na qual o homem romano, de condição livre, desempenha o papel principal e em torno do qual gravitam todos os outros elementos da sociedade. O homem romano é, antes de tudo, um cidadão, um herói guerreiro e um homem político. (PUCCINI-DELBEY, 2007, p. 09).

Para o cidadão romano, ser masculino era ter virilidade, pois ela representava o verdadeiro homem de Roma. Com isso, a configuração dessa sociedade era dividida em dois

grupos de homens: aqueles que penetram (*uiri*) que detinham o poder e o controle e havia os penetrados – mulheres, rapazes e escravos – os quais eram totalmente submissos ao ser penetrador. Além disso, a configuração da sociedade romana estabeleceu-se falocêntrica ao alinhar a virilidade do homem ao seu papel sexual ativo. Puccini-Delbey (2007, p. 20) nos diz que “os romanos têm um modelo de identificação que os gregos não tiveram: o deus Príapo, itifálico, cujo sexo desmesurado está sempre pronto a penetrar quem quer que seja (...)”. Logo, pode-se concluir que:

Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. Ter prazer virilmente ou dar-se servilmente era tudo. A passividade era um dos efeitos da falta de virilidade, a qual era muito valorizada em uma sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta da virilidade, nos gestos, na fala ou no vestuário. (VEYNE, 2008, pp. 233-234).

Essa masculinidade viril trazia a imagem do homem corajoso, firme, valente que regia a cidade e seus subordinados. Logo, só possuía a real masculinidade aquele que não apenas tinha um pênis, mas que o usava com o propósito de penetrar e ser dominador. Não esqueçamos que havia a relação entre dois homens e entre eles existia aquele que deveria ser penetrado e, dessa forma, abdicasse de sua postura viril. Por fim, o ato de penetrar, ou seja, demonstrar a masculinidade dividia-se em três tipos: *futuere* (penetração vaginal), *pedicare* (penetração anal) e *irrumare* (penetração oral).

Essa dominação, trazida pela masculinidade romana, coloca em evidência as relações de poder que rodeavam e aconteciam entre o dominador e o dominado. O homem usufrui de seu *status* dado pela masculinidade hegemônica para controlar e violentar – física e psicologicamente – aqueles que estão abaixo de seu privilégio e isso é, a todo momento, reforçado pelos comportamentos que o cidadão romano praticava como a ameaça de sodomizar mulheres e homens com *status* social elevado para manchar sua reputação e masculinidade. Bourdieu (2012, p. 64.) discute que “a virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga.”

O domínio masculino em Roma era favorecido devido à confirmação constante da virilidade diante das representações fálicas na cultura romana, uma vez que “o membro masculino em ereção era associado, na Antiguidade clássica, à vida, à fecundidade e à sorte.” (FUNARI, 2003, p. 319). Podemos pensar, portanto, que o símbolo de masculinidade coloca

este cidadão em uma posição de agente da vida, mas também de sujeito agressivo e que usa de seu pênis para ameaçar e punir. De acordo com Cozer (2018):

A análise dos conceitos de masculinidade aponta para a construção da hombridade romana como não apenas penetradora, mas também como agressiva em concursos retóricos nos quais a defesa de opiniões públicas envolvia a degradação do outro por meio de acusações até mesmo de imoralidade no comportamento sexual. (COZER, 2018, p. 36).

Assim, a violência associa-se à virilidade como uma forma de validação e amostra do poder que aquele que dominava – o penetrador – mantinha consigo e, em algumas circunstâncias, colocava-o em prática como forma de ser respeitado diante do corpo social. A respeito disso, Bourdieu (2012, p. 65.) afirma que “a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’.”

A MASCULINIDADE NOS *CARMINA CATULLI*

Gaius Vallerius Catullus (87 ou 84 a.C. – 57 ou 54 a.C.) consagra-se na poesia lírica como um dos grandes nomes da literatura latina. Junto com vários outros poetas latinos, contribuiu para o enriquecimento da poesia, e sua obra representa o arco da poesia lírica na literatura em latim, produzindo um conjunto de poemas (*carmina*) que celebram o amor, a amizade, mas também o desprezo e o ódio, e, nesses momentos, o poeta veronense traz em suas composições palavras indecorosas, difamações a seus amigos e a inimigos, por exemplo. Esse jogo retórico ofensivo, portanto, evidencia uma *persona* viril que usa das palavras para ratificar e exacerbar sua posição enquanto homem que possui virilidade.

A produção literária de Catulo foi uma das poucas peças literárias da Antiguidade Clássica romana que chegou até a atualidade quase que na íntegra. Ademais, através de seus *carmina* é possível analisar a construção de um reflexo da masculinidade romana, uma vez que o poeta utiliza de seu privilégio para ameaçar, castigar e insultar homens e mulheres através da figura de seu pênis. Para tanto, exploraremos os *carmen* XVI e XXI⁴ a fim de identificar traços relacionados a uma relação de poder ligada a violência causada pela masculinidade hegemônica na Roma antiga.

⁴ As traduções aqui usadas foram retiradas de: OLIVA NETO, João Angelo. **O Livro de Catulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CARMEN XVI

*Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos,
Aurélio bicha e Fúrio chupador,
que por meus versos breves, delicados,
me julgastes não ter nenhum pudor.
A um poeta pio convém ser casto
ele mesmo, aos seus versos não há lei.
Estes só têm sabor e graça quando
são delicados, sem nenhum puder,
e quando incitam o que excite não
digo os meninos, mas esses peludos
que jogo de cintura já não têm.
E vós, que muitos beijos (aos milhares!)
já lestes, me julgais não ser viril?
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.*

O *carmen XVI* nos coloca diante de uma Catulo enfurecido com duas figuras, Aurélio e Fúrio que comentam sobre a linguagem lírica do poeta que apresenta traços delicados. Catulo inicia seu *carmen* afirmando que castigará esses dois homens através do *pedicatio* (a prática anal) e o *irrumare* (a prática oral). Tomemos, a priori, que esses castigos entram em cena devido a menção de traços que o eu-lírico considera incompatível com a natureza do homem: a delicadeza. Essa atitude explosiva traz à tona que “qualquer sentimento ou atitude que impulsiona o cidadão a ser subjugado ou dominado, é vista como fraqueza, falha, como um atentado a virilidade.” (MENNITI, 2014, p. 45). Além disso, um homem romano ser penetrado o colocaria em um estado de submissão deixando em um nível de inferioridade.

O *irrumare* (sexo oral) era considerado uma das piores formas de castigar e difamar um cidadão, uma vez haveria a troca de papéis, ativo-passivo, e homem romano, o qual é conhecido pela sua oratória, teria manchada sua boca e, por conseguinte, sua reputação. Além disso, Catulo ao chamar “Fúrio chupador” já se posiciona agressivamente diante de sua vítima ao afirmar que ela já pratica o sexo oral. Pode-se concluir que:

Diferentemente da cultura grega que zelava pelo corpo, a romana zela pela boca. A agressão sexual enquanto uma punição é uma possibilidade nessa cultura, mas a mais humilhante das práticas seria o estupro oral, no qual o órgão da participação política na cidade, a boca, seria violado pelo órgão sexual. (MORA, 2011, p. 26).

Outrossim, Catulo abre uma discussão no que tange à ligação entre autor e obra, uma vez que o debate trazido por ele é de que, na produção lírica, é permitido ser delicado, ou seja, é aceitável diante da sociedade apresentar características dadas à feminilidade, pois o poeta diz: “A um poeta pio convém ser casto / ele mesmo, aos seus versos não há lei. / Estes só têm sabor e graça / quando são delicados, sem nenhum puder (...).” Assim, Catulo argumenta que seus

versos delicados não refletem sua natureza viril, pois a “emotividade, sensibilidade, languidez, fraqueza, fragilidade, suavidade, dentre outras sensações, sentimentos e emoções são considerados atributos femininos e, portanto, indesejáveis para um homem que se diz viril.” (MENNITI, 2014, p. 48).

A violência vista em suas ameaças evoca o receio de ser associado ao feminino. Consoante a Bourdieu (2012), pode-se dizer que “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (BOURDIEU, 2012, p. 67). É possível atestar que Catulo não chega a executar aquilo que ele diz, mas acentua o que Bourdieu chama de violência simbólica e esse termo “é definido pelas relações de poder que se formam entre indivíduos (e/ou instituições), que se situam em sistemas/estruturas de poder que se tornam instrumentos para ajudar a assegurar que uma classe domina outra.” (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 163). Logo, a identidade masculina era, por sua vez, reconhecida pela masculinidade, tanto no tamanho físico quanto em questões de honra e ética.

Ao analisarmos o *carmen* XXI, encontramos Aurélio novamente sendo alvo das ameaças de Catulo. Entretanto, aqui nos deparamos com um teor ligado a uma relação homoerótica que o poeta possui e que se vê ameaçado por Aurélio.

CARMEN XXI

*Aurélio, pai das fomes todas, não
só destas mas de quantas foram, são
e hão de ser ainda no futuro:
desejas pôr no cu dos meus amores
e não o ocultas, pois ao lado ficas,
colado brincas, tudo experimentas.
Em vão. Pois vou meter na tua boca
Que armadilhas já armas contra mim.
Se agisses satisfeito, eu calaria,
que só com isto sofro: que o menino
aprenda, ai!, sentir fome, sentir sede.
Então desiste enquanto tens pudor
p'ra não lhes pores fim de pau na boca.*

Torna-se interessante discutir que a sociedade romana se organizava, em relação à sexualidade, em protocolos os quais visavam a uma manutenção da ordem social dos sujeitos. Logo, Willians (1999) afirma que “em Roma, havia três protocolos de sexualidade: de atividade, de cidadania e de idade, cada um com diferentes implicações.” Essa concepção agrega para nossas análises a situação explorada pelo eu-lírico, uma vez que ele declara que

Aurélio tem a vontade de penetrar os amores de Catulo e adiante sabemos que um destes amores é um menino que coloca em evidência a face homoerótica do poeta.

Catulo indigna-se por saber que seu concorrente não se dá ao trabalho de esconder o seu desejo sexual por um de seus amores, já que o eu-lírico afirma que “desejas pôr no cu dos meus amores e não o ocultas, pois ao lado ficas, colado brincas, tudo experimentas.” O *pedicatio* é visto nesse *carmen* em dois momentos: o primeiro de forma a ter um prazer sexual, haja vista que Aurélio deseja possuir esse menino, e o segundo carrega um tom de ameaça e violência, já que Catulo quer sodomizar um homem mais velho. O *pedicati*, dessa forma, é justificável quando não infringe nenhum protocolo de cidadania. Logo, a concretização da ameaça do eu-lírico deixa o penetrado em uma posição de inferioridade diante da sociedade romana, uma vez que Aurélio já é um homem adulto.

O protocolo de cidadania é também levantado nas falas de Catulo, essa norma aborda o papel social e hierárquico que o cidadão romano possui, ou seja, se ele pertence à elite ou não. O poeta transcorre em seus versos uma possível imagem de que Aurélio é pobre, uma vez que é chamado de “pai das fomes todas, não / só destas, mas de quantas foram, são / e hão de ser ainda no futuro (...)” e inferioriza, ainda mais, a posição deste homem diante de Catulo. Um homem mais velho precisava, acima de tudo, proteger seus jovens amores dando assistência a eles. Entretanto, o eu-lírico afirma que nem isso Aurélio fará, pois fala que “Se agisses satisfeito, eu calaria, / que só com isto sofro: que o menino / aprenda, ai!, sentir fome, sentir sede.” Logo, Catulo adverte para encerre esse desejo de roubar seu jovem amor.

O *irrumare* é visto, tal como no *carmen* XVI, como uma forma de violência direcionada a o interlocutor do texto. Essa prática deixa aquele que sofre o ato em uma posição rebaixada assemelhando-se a condição de inferiorização que mulheres e escravos possuem. Dessa forma, podemos discorrer que, segundo Lazdan *et al.* (2014, p. 475.), “a dominação masculina é visível até mesmo nas posições sexuais, lembrando que a posição considerada normal é aquela em que o homem fica por cima da mulher.” O falo como uma ferramenta de punição nos mostra que o pior castigo seria ter sua virilidade manchada diante do *corpus* social, já que para repelir e advertir, Catulo invoca a imagem fálica como símbolo de alerta no momento que fiz “Então desiste enquanto tens pudor / p’ra não lhes pores fim de pau na boca”. Por fim, Puccini-Delbey (2007, p. 20) nos afirma que “o falo ocupa um lugar essencial na cultura romana como símbolo da autoridade masculina, como instrumento de penetração e de dominação, como garantia de fertilidade, de fecundidade, de energia vital ou como meio apotropaico de protecção”. O falo representa, assim, um certo tipo de poder que o homem romano possui e acaba por controlar

mulheres, escravos e até mesmo outros homens que não são considerados viris diante da organização social da Antiguidade clássica. Logo, concordarmos com Foucault (2014) ao dizer que:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares (...). O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada." (FOUCAULT, 2014, p. 89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando propomos um estudo tendo como escopo uma literatura tão antiga, certa tentativa de delimitação torna-se árdua. Todavia, após as considerações, embora breves, tecidas ao longo deste trabalho, esperamos que as noções de gênero, masculinidade, poder e violência que emergem na obra de Catulo, tenham-se evidenciado de forma mais clara, uma vez que discutimos a presença de aspectos sustentados por grandes autores que se dedicaram a explorar o labirinto que esses temas residem. Em primeiro lugar, pensar em gênero no período clássico é uma tarefa complexa, já que os estudos que envolvem essas temáticas são, levando em consideração a zona temporal, modernos. Entretanto, é possível observar um paralelo entre os comportamentos da Roma antiga em subjugar e inferiorizar tudo que se liga ao gênero feminino, haja vista que para essa sociedade o gênero masculino é dominante e inviolável, com os da sociedade atual.

Da mesma forma, podemos refletir sobre a noção de masculinidade é heterogênea, mas segue uma forma hegemônica estabelecida pela simbologia do falo como elemento de dominação, mas também de virilidade e vida. Além disso, enxergar conceitos trazidos por Bourdieu (2012) sobre a violência simbólica, nos faz refletir sobre a estruturação de uma civilização que nos deixou um amplo legado cultural. Destarte, acreditamos que se tornou mais evidente as relações de poder que dominavam a Antiguidade Clássica, visto que determinados protocolos regravam o papel que cada pessoa deveria cumprir. Todavia, os menos favorecidos, as mulheres, os escravos, os jovens livres etc., sempre desempenhavam papéis considerados indignos, face à noção do que era considerado digno para os romanos.

Puccini-Delbey (apud Foucault 2007, p. 21) afirma que:

De acordo com a análise de Michel Foucault, as relações sexuais dos romanos organizavam-se segundo um esquema de dominação/submissão que redobra e confirma a superioridade social de uns e a inferioridade social de outros. A verdadeira masculinidade de um homem romano é atingida na idade adulta e traduz-se, sexualmente, pela postura do homem dominante.

Por fim, destacamos que, a partir da poética de Catulo, conseguimos visualizar como um homem pertencente à elite romana encarava os conceitos de virilidade diante da organização social que regia a Roma antiga. Outrossim, as análises dos *carmina* corroboraram a um esclarecimento da forma como a masculinidade, as relações de poder e a violência estão em diálogo direto com textos que fazem parte de uma sociedade que serviu de base para muitas outras. Destarte, frisamos que a investigação aqui feita surge como uma medida de entender como a sociedade moderna é falocêntrica e que usa desse símbolo como um instrumento de dominação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Küh-ner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COZER, Alexandre. **Os Falos de Priapo e as Masculinidades Romanas: Sexo, Humor e Religião na Priapeia (CIRCA SÉC. 1 D.C.)**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. In: FEITOSA, Lourdes Conde. **História: questões e debates**. Ano 25, nº 48/49. Curitiba: Editora da UFPR, 2008. p. 119-135. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade do Saber**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo A. Falos e Relações Sexuais: Representações Romanas para além da “Natureza”. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. (Org.). **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003. p. 317-326.

GODELIER, M. **As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 9-30, 1980.

LAZDAN, Alessandra Munhoz; REINA, Fábio Tadeu; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **A dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol. 9, núm. 2, abril-junho, 2014, pp. 470-487. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=619866415022>. Acesso em: 07 de jan. 2023

MATOS, M. I. S. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades (Org.). In: MATOS, M. I. S. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na história Contemporânea**. São Paulo: Educ. 1997.

MENNITTI, D. **A (des) construção do ideal de virilidade e o homoerotismo: compreendendo a(s) masculinidade(s) no principado romano**. Em Tempo de Histórias, [S.

l.], n. 24, 2014. DOI: 10.26512/emtempos.v0i24.14825 Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14825>. Acesso em: 07 de jan. 2023

MORA, Carlos de Miguel. **Os Três Castigos de Priapo: O Sexo como Arma no Corpus Priapeorum**. Lisboa: INDEX ebooks, 2011.

OLIVA NETO, João Angelo. **O Livro de Catulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

PUCCINI-DELBEY, Géraldine. **A Vida Sexual na Roma Antiga**. 1.ed. Tradução de Tiago Albuquerque Marques. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2007

SILVA, Lara Ferreira da; OLIVEIRA, Luizir de. **O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu / The Role of Symbolic Violence in Society by Pierre Bourdieu**. Rev. FSA, Teresina, v. 14, n. 3, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.12819/2017.14.3.9> Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>. Acesso em: 07 de jan. 2023

SOUZA, Maria Danielly Franchini de; ALTOMAR, Giovana *et al.* **A construção social da masculinidade**. ETIC - Encontro de Iniciação Científica, Presidente Prudente, v. 13, n. 13, p. 300-309, 2017.

VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality. ideologies of masculinity in classical antiquity**. New York: Oxford University Press, 1999.

Recebido em: 05/10/2023

Aprovado em: 25/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_5